

Por favor,

UNIVERSIDADE DE EVORA	
Arquivo 108	01.320

Pode parecer negligência, enviar-lhe um texto em versão primitiva, ao qual foram posteriormente implementados benefícios vários. A verdade é que de fronte dificuldades concretas, como a dispersão da minha obra, nomeadamente guardada em casa dos meus pais, pois no quarto que ocupo já há papéis e livros quase até ao tecto. Imagino que acabará por entender e operar o devido desconto.

J. J. 24.09.2007

UNIVERSIDADE DE EVORA	
Arquivo	FC

01.320

do

DO DIÁRIO DE UMA ORFÃ PERVERSA

texto apresentado por correia da silva

isto é o original
de algo qm conheci
muito benéfico ultmiores.
suponho qm é feito em
1982 ou 83.

2

VIOLAÇÃO

violação seria o subtítulo desta obra se o escrúpulo não ~~me~~ impedisse que a minha intromissão ousasse até na própria capa de uma obra que é de todo alheia a um mérito meu: o texto exposto exceptuando as minhas desculpas é absolutamente fruto de uma sensibilidade alheia (fresca húmida bela).

trata-se a exibição deste texto de uma violação que eu faço à vida e aos íntimos devaneios de uma jovem cuja grande paixão é nunca ter e que um dia me encontrou. foram doze folhas rasgadas a um diário oculto, com a rapidez e o sobressalto de quem despe de jóias a amada sem a intenção de lhe cobrir o corpo com beijos. foi um golpe rápido sobre um dos três livros que há muito me aliciavam tal era o mistério com que os envolvia o olhar sonolento da minha amada amiga.

tratava-se de um diário íntimo guardado com o rigor de uma grande entrega. mal foi que viesse parar às mãos de um amoralista que eu sou antes de ser um amante da beleza que a imaginação humana realiza. mal seria de mim a quem o remorso não toca, que eu não tivesse um dia a maravilha de conhecer um pouco da fascinante interioridade daquele ser, cujas mãos lábios suspiros cuja inexcedível expressão no ~~seu~~ ^{amor} tanto me embrenhava numa atenção mística e fascinada.

mal tive tempo para ler uns poucos parágrafos no momento em que o furto urdiu. sei que no livro as diferentes histórias eram estritamente separadas, começando com uma secção colorida em que se intrometia a data que presidia aos acontecimentos. as cores que dominavam este pré-texto eram o vermelho e o roxo e a data prefiro ignorá-la.

depois vinha o templo que tanto me fascinou pelo que tinha de íntimo e de inconfessável. todos me perdoarão se ficar provado que a beleza do texto importa mais que a imoralidade de o ambicionar.

MAIO, (este ano)

partindo ia contigo a dissolução em que eu me envolvia.

toda a tua cristiana família dormirá no regaço da minha memória e tocará o ventre.

mais cinco minutos e eu estaria morta.

3ª feira, 6 da tarde— revinha tardiamente sobre o estretor do eléctrico para encontrar o quê? no fundo de que abismo acabaria aquela viagem? eu repatia: "ele está lá. com esta tonalidade no verde este fascinante poente, não faltará. hoje verei qual dos anéis está no dedo médio e saberei se ele procura amor."

lembro-me no entanto de um velho que ao sair parou de ante mim, e que era daqueles de olhos palidamente azuis na pele cheia de manchas rugas. tinha uns lábios cuja cor pela luz que o sol doirava, me pareceu de um tom rosa muito inquietante: para as mentes mais paranóicas seria até indício de doenças, para os mais puros teria o estigma de uma primitiva e delirante beleza.

quando saí do carro prossegui demonstrando estar a ver o mar. sempre pensei que ao entardecer o azul da noite se anuncia primeiramente no mar. a viagem estava quasi a executar-se e eu sentia-me cada vez mais perto do vazio. ainda que ele estivesse lá o que eu procurava era só evitá-lo.

o regresso, 9.00h—julgo que o vi ao longe dissimulando a cor da roupa pela vegetação que havia. num momento em que eu era obrigada a fixar as ondas a meus pés, só para não dar a entender a minha agitação. se era ele quem ali estava, algum de entre ambos esteve ausente. digo isto porque pretendo procurá-lo ainda e com mais lucidez por fim.

o regresso faz-se a partir de uma determinação alienante e só ao fim de um certo percurso se começa a notar sobre os ombros o cansaço. a partir daí multiplicam-se os entorpecentes: a agitação degenera em sonho, a paisagem à volta não suscita atenção capaz de impedir o silêncio, cada curva da estrada ilumina um caminho que será esquecido.

cedo o regresso é uma sonolência onde vagueiam como destroços de um naufrágio, os dolorosos indícios do fracasso daquela agitação extinta.

—um dia alguém virá dizer-me que estou morta. que as ervas e o musgo criam raízes bem acima de mim. mas se eu renego ao sonho, onde se erguerá com igual beleza a vida?

o pão e a fome, 10.30h— comer apressadamente sofrendo a certeza de que só a minha mão abrirá essas portas que à minha volta estão fechadas. ao inspirar a noite dei conta de que afinal eu não tinha sono. afinal o sonho ainda me arrebatava.

aquele colar que frescamente sobrepuz no pescoço deu-me notícia de que a lua não devia tardar, estando então já presente no meu reflexo. divertia-me a imaginar pelas ruas a unicidade que o meu passo empresta às cores com que me cubro ou então a exuberância de comentários que possa suscitar aquela imagem em que eu me envolvia.

lembro-me de não ver ninguém a que o meu ânimo pudesse se estender. voltei a ignorar o que pelas ruas suponho que existia até que a lua se impôs além da retilidade do casario imóvel.

ai já não podia continuar a regressar a casa. como se uma voz me enumerasse todas as angústias que ao fechar a porta atrás de mim me devastariam.

— é cedo e ainda podes excitar-te pela noite sem grandes riscos. que importa a lubricidade alheia? esquece que o olhar de todos eles está turvo e pensa que tu és mesmo a maior das devassas e que a noite é muito mais tua que de vários desses escravos do trabalho.

é impossível reproduzir a evolução das minhas fortalezas mentais quando se trata de contrariar a aguda imaginação dos meus medos. invoco todas as catástrofes e afinal consigo esquecê-las por via da argumentação infernal o desejo. vem-me a vitória por um excesso de confiança e a dispersante argumentação do desejo. se eu pensar em adrões com vastas facas e com fúria bêbada de semi-matar, cabo por agarrar-me a devaneios destes:

— eu conseguirei seduzi-los de forma a ainda desfrutar e quanto já o crime lhes encheu as carteiras.

té o coração da cidade, 11,00h— no autocarro dei conta de que aquele de mãos a, el greco não viria, como eu já ousara pensar. entreguei-me à monotonia de não haver um olhar úmido de que me desviar. só a passagem pelas paragens, já das. ou o cabelo conciliador de uma dona de casa que a tinha frente me fazia pensar que eu sou a mais virtuosa das santas.

preocupava-me não ter qualquer objectivo e à medida que viagem ameaçava chegar ao fim maior era a obsessão do fim.

—vou aonde, se nem ousarei desviar o olhar da ponta dos sapatos? como se já estivesse horizontal vestida e morta?

saída, 11,25h— eis como se solvia nos meandros das minhas rotações o fundamento do que eu entendia por tragédia urbana: depois de prever a intromissão daquela gente toda, percebia que na verdade não havia ninguém. ou que eu nada significava para todos eles. eu cruzava os espaços de um outro mundo.

lá ia eu com ar de quem nem está ali a pensar: "a tragédia não se dissolve o drama fica em suspenso: é a vida e dura. no início sofrer a intromissão de toda aquela gente perceber afinal que estou só." voltava ao drama o indício sufocante de ^{uma} inabilidade fatal.

continuei sem saber para onde ir mas nem hesitava uma vez que um caminho qualquer me servia. tendo em conta um

rouco desalento que por vezes me faz cantar muito baixinho pelas ruas como se estivesse a gemer. mulherzinhas operários automóveis tropas estudantes ociosos, ninguém ouvia.

terça-feira ainda, meia noite—eu levava o meu conjunto verde que é a peça do meu vestuário que mais me amanhece. todas aquelas ruas nem as consigo lembrar, tão fundo estão na minha memória.

caminhava ambicionando um rápido cansaço para que realmente pudesse regressar com a emoção mais plana.

de repente há uma fuga de atenção para um vulto que do outro lado da rua a metros de mim se ilumina.

a captura, 4ª feira—eu já me julgava tardia mas não pude dispensar-me à procura de tão inflamado olhar.

ele não ousou perseguir-me mas quando ao dobrar uma esquina me olhava, era como se um enxame de agulhas me envolvesse

—estás aí na mais infinita das esperanças e que maldito demónio te leva a não acreditar?

foi numa rua ampla e propícia que eu o ultrapassei. ele embuscara-se deixando-me passar sob os seus olhos e eu só lhe dava a entender que o via por um tremular rubro nos lábios. eu amava o medo. a minha mão segurava a bolsa à ilharga energicamente aberta musculada dedos fortes de forma a deixar perceber determinação ou intensidade de espírito. ou então deixar a mão deslizar pela alça de forma claramente tola e lassa.

ele seguia-me a uma distância mais que respeitável e devia ser bem mais velho do que me pareceu.

tratava-se de uma pessoa altamente digna, além de todas aquelas hesitações aqueles bruscos arrepios no olhar. o seu sorriso sempre que mo enviava era de doce ironia por ver aquela nossa farsa. o cabelo era estranhamente escuro inteiro ondeado. as curvas em que se semi-cerravam os olhos eram de uma leveza que tinha suspensa.

expunha-me mais atenta entre as peças do jogo. o jogo ia acabar. duas redes se abatiam da folhagem: a captura enfim.

como se fosse meu pai, 01,00h—passeávamos com as poucas palavras que o desejo e a dúvida permitiam.e se fosse um polícia embelezado pelo demônio só para amaldiçoar o meu amor?

os meus suspiros vinham da maravilha de ver a noite toda cheia de imobilidade e no entanto dissimulada no duplo inferno que nós encobríamos.

—está calma a noite.há pouco pensava que uma jovem da sua idade podia andar perdida.afinal está uma noite perfeita.

em cada frase que eu dizia procurava uma palavra que deixasse entender o quanto me deliciava a companhia noturna e cúmplice daquele homem a quem olhava com ar de quem nunca na vida tivera a graça de ser tão bem compreendida.

—olhe a lua vai iluminar-se entre aquelas nuvens veja.

01-túnel, 01,23h—qual era o odor daquelas frases dúbias que trocámos enquanto não começaram a surgir as primeiras evidências do desejo?apenas ríamos de não encontrar as palavras inexactas e aquelas que apareciam eram de uma inutilidade que até doía.

que incrível loucura:eu minimizada pelo arrepio de estar a cometer o maior dos crimes;ele perdido no horror de não acreditar na sua sorte.se eu o olhava era como se um incêndio se iluminasse na sua pele.

que dúvidas restavam se ele dava mostras de uma extinta nobreza?a estrada começava a estreitar,o nosso desejo ia engrandecendo com a certeza de que éramos ambos muito mais dignos e puros que todo aquele medo.

—eu não sou de cá. estou hospedado naquela pensão onde há pouco simulei entrar.não trouxe carro nem conheço um lugar onde possámos arder um pouco mais.

tudo o que ele dizia ficava suspenso na expressão dos seus lábios a cuja cor humidade e movimento eu sacrificava a minha muito debilitada atenção.eu estava vestida de verde e murmurei que o queria beijar que não haveria forma de encontrar um próximo sossego que não viesse de o ter amado.

—não podemos ficar aqui parados com o ar inseguro de quem conspira,eu com toda a minha família a tremular nos

dedos e tu minha estrela sem rumo, a temer um olhar que te possa um dia condenar.

descemos a um túnel suportando a suspeita de ouvir passos de maníacos ou policiais. o inferno pode muito bem estar assim, no fim de uma descida de um tão fino horror.

20 minutos nas entranhas da terra, 01,45h—"a ternura diverte-se sobre um corpo, não sobre a beleza. é um corpo percorrido pelo vazio universo. a ternura procura se encontrar aí."—como gostaria de lhe haver dito isto por entre as carícias que das minhas mãos voavam. estas verdades que tão luminosas me invadiram certa noite ao perceber o quanto eu viajava até pelo pelo acastanhado e sujo do meu cão.

é que houve pétalas nos beijos que nos demos. estivemos submersos na cegante procura do primitivo amor. eu sei que através das suas mãos eu chegava outra e que ele era somente o reinventado.

foram os lubrificos que nos expulsaram do túnel que se reacendeu nos seus perigos. olharam-me como se eu fosse vítima das mais degradantes misérias.

—temos de subir. já estão ali dois e vão voltar e acabam por nos humilhar.

até a despedida, 02,00h— o túnel começou a desaparecer sob os nossos pés. a noite abriu-se uns passos mais acima.

encontrei a rua toda dispersa num brilho muito indistinto e lasso. os possíveis movimentos de que me apercebia eram odiados mesmo sem que os visse, de tal forma era imperiosa a defesa daquele estado de espírito todo vertiginoso e cheio de súbitos arrebatamentos de felicidade.

preferimos permanecer calados, aquela brusca ascensão impôs um altivo silêncio sobre o que talvez me interessasse dizer. era forte a certeza de que nada poderia dizer sem que me ferisse a consciência do quanto da imensidão de coisas que eu estaria a omitir.

eu estava santificada. dizia: se há paraíso porque não merecê-lo, no fim de cada infernal ascensão?; e se há inferno porque não procurá-lo, na ânsia juvenil de subir vencer?

as primeiras palavras—as primeiras palavras eram já realmente um aceno a despedida.

—tenho de ir-me embora.começa a ficar-me tarde.

—foi incrível a maneira como estivémos juntos.cada um a dar e a beber sem exploração ou lucro.que incrível coisa.

ainda me divertiu dizendo que os cinco filhos de que era pai eram cristãos e que a sua mulher era doutrinadora de uma salutar família.e eu mostrei comoção por aquela súbita intimidade que em instantes,abruptamente ele procurava estender.

falar-me da família de que alguns filhos tocavam viola.eu só lhe via os lábios e para recordar um lânguido sabor ainda nos meus lábios demorando de um beijo.

quando me voltava para partir as suas últimas palavras foram um golpe de amor e traição:

—quando penso que quasi desisti ao princípio,por pensar ser ilusória a minha sorte.

—amanhã venho procurá-lo de tarde.estaremos juntos com desenvoltura semelhante a quaisquer pai e filha que andem a resolver algum assunto.

—chamo-te filhinha.

— não.filha do irmão da mulher.

eu já me ria indo.

fechar a porta,02,35h— um instante depois dei comigo a fechar uma porta,com a promessa de me ver restituída a uma intimidade que ilumine o vigor colorido dos meus sonhos.

o dia ameaça romper é tão tarde.ficou em suspenso a narração,deixo agora para alimento do sonho o resto das minhas memórias.

quero também apontar umas poesias que consegui fazer hoje de tarde no café,à hora democrática e dissimuladora de depois do almoço(02,30h).

eu estava a vê-lo docemente erguido
docemente sentado pela cadeira
com o seu boné de velho enfermo e sonhador

que se esqueceu do quanto é possível de louco.
sinto-me a desejar ternuras
avidez de se ver cumprida qualquer sorte
de transformar por magia suave um inferno qualquer.

como se a súbita primavera o vigoroso maio
me entregasse ao dever de tudo florir.

e o quanto há naquele olhar de paraísos sem regresso
quanto de sonhos corroído pela desesperança.

